



Formação  
Docente:  
Princípios e  
Fundamentos 5

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

**Solange Aparecida de Souza Monteiro**  
(Organizadora)

# **Formação Docente: Princípios e Fundamentos 5**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
F723	Formação docente [recurso eletrônico] : princípios e fundamentos 5 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Formação Docente: Princípios e Fundamentos; v. 5)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-366-8 DOI 10.22533/at.ed.669193005  1. Educação. 2. Professores – Formação. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.  CDD 370.71
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

No seu quinto volume gostaria que soubesse que, mesmo longe de alguns, muito longe de outros, nossa relação durante esses meses será de respeito por Você que está na sala de aula. A educação não tem sentido se não for para humanizar os indivíduos. Como dizia Paulo Freire: Humanizar é gentilizar os indivíduos. Estamos na era digital que seguem pelas veias humanas visando eliminar ranços. Todo o avanço científico tecnológico traz benefícios para nossa a formação docente e sociedade, mas, ainda, nos causa medo e nem sempre sabemos lidar com ele. Novas tecnologias, quando disseminadas pela sociedade, levam a novas experiências e a novas formas de relação com o outro, com o conhecimento e com o processo de ensino-aprendizagem. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido". (O Último discurso", do filme O Grande Ditador).

Abri o volume V, No artigo O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM COMO FERRAMENTA USADA NO NIVELAMENTO DOS INGRESSOS DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA REGULAR, os autores Acelmo de Jesus BRITO, Alan Kardec Messias da SILVA, Ediel Pereira MACEDO buscam apresentar considerações sobre o desenvolvimento de um curso de Matemática Básica como nivelamento em matemática, no interior da disciplina de Geometria Analítica do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Barra do Bugres-MT. No artigo O CONCEITO DE BLENDED LEARNING: BREVE REVISÃO TEÓRICA, as autoras Luciana Maria Borges e Rosemara Perpetua Lopes buscam localizar na literatura estrangeira estudos sobre esse tema, com enfoque no Ensino Superior. Para tanto, realizamos uma breve revisão teórica, abrangendo o período de 2007 a 2017, por meio de busca nos bancos de dados Redalyc e Scielo. No artigo O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO E DOS SENTIMENTOS MORAIS: IMPLICAÇÕES PARA O AMBIENTE ESCOLAR E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES, os autores Mayra Marques da Silva Gualtieri-Kappann, Alonso Bezerra de Carvalho, Jair Izaias Kappann Busca apresentar os estudos de Piaget a respeito do paralelismo existente entre o desenvolvimento cognitivo e o dos sentimentos, aí inclusos os sentimentos morais e a própria moralidade, pensando o ambiente sociomoral das escolas e o desenvolvimento moral, problematizando as implicações deste conhecimento na formação dos professores da atualidade. No artigo O ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO E A PARCERIA ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA: ESTUDO DOCUMENTAL DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFG/REGIONAL GOIÂNIA os autores Anegleyce Teodoro Rodrigues e Samuel de Souza Neto buscam realizar uma investigação em nível de pós-doutorado e conta com apoio financeiro de bolsa financiada pelo PNPd/CAPES, com o objetivo descrever e analisar o projeto de estágio e a característica da parceria entre universidade e escola e sua relação com o projeto de formação de professores em Educação Física do curso

da UFG, Regional Goiânia. No artigo O HUMOR UTILIZADO COMO METODOLOGIA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO SEXUAL as autoras Roberta Seixas, Denise Maria Margonari, Luana Aparecida Etelvina de Souza, Isabela Cristina Urbano de Almeida buscam a utilização do humor como metodologia para o ensino da Educação Sexual e para potencializar a aprendizagem dos alunos. No artigo O IMAGINÁRIO DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: O PEDAGOGO PROFISSIONAL, os autores ANELIZE RAFAELA de SOUZAFABIO RIEMENSCHNEIDER o artigo investiga o imaginário coletivo de estudantes ingressantes no curso de pedagogia sobre a atuação do pedagogo. Objetiva apresentar e refletir sobre o campo de sentido afetivo-emocional denominado Pedagogo Profissional. No artigo O OLHAR DA TUTORIA PELOS TUTORES: FORMAÇÃO E IDENTIDADE, o autor Thiago Pedro de Abreu busca investigar como os professores se tornaram tutores e o que os levou a atuar nesta modalidade de ensino. Pesquisa fundamentada em Belloni (2012) destaca a construção da identidade dos tutores, que está ligada à formação de professores. No artigo O OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A ESCOLA: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA, os autores Enio Serra, Ana Angelita Rocha, Roberto Marques buscam compreender o cotidiano escolar a partir da relação entre a produção de subjetividades e o espaço geográfico. No artigo O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA EM GOIÁS: ITUMBIARA, 2013-2015, o autor Juliano Guerra Rocha busca relatar a experiência sobre a formação de professores alfabetizadores, no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC/MEC), na cidade de Itumbiara/Goiás. No artigo O PROGRAMA DE APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO COMO ESPAÇO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DOS SEUS EGRESSOS, os autores Márcia Mendes Ruiz Cantano, Noeli Prestes Padilha Rivas, buscaram investigar o Programa PAE-USP como espaço institucional de formação de professores para o ensino superior, a partir da perspectiva dos seus egressos, que hoje atuam como docentes em instituições de ensino superior públicas brasileiras. O REFERENCIAL CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE VÁRZEA GRANDE/MT E AS IMPLICAÇÕES À FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS Soely Aparecida Dias Paes, Kelly Katia Damasceno Erika Silva Alencar Meirelles, buscam analisar os preceitos teóricos adotados no Referencial Curricular da Educação Infantil de Várzea Grande-MT, bem como refletir sobre as implicações à aprendizagem das docentes que atuam nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs), visto a urgência em (re)significar práticas educativas voltadas à alfabetização e o letramento nesta primeira etapa de escolarização da educação básica. No artigo O SABER-FAZER DOCENTE: UM ESTUDO A PARTIR DAS ABORDAGENS DAS TEORIAS DE ENSINO Lilian de Assis Monteiro Lizardo, Márcia Tostes Costa da Silva, Maria de Fátima Ramos de Andrade busca analisar como professores de Educação Infantil concebem os fundamentos de suas práticas. Para tal, inicialmente, apresentamos as abordagens de ensino e aprendizagem

MIZUKAMI (1986). No artigo O TRABALHO DOCENTE: FATORES QUE LEVAM AO ESTRANHAMENTO DESSE OFÍCIO, os autores Carlos Augusto Santana Sobral, Manoel de Souza Araújo, Rafael Marques Gonçalves, buscam explicar os fatores que levam o estranhamento até à docência, buscaram, luzes no pensamento de Karl Marx e outros estudiosos que seguem a mesma corrente teórica. Assim, enfatizamos a importância do trabalho na perspectiva de Marx para mostrar a crueldade de grupos elitizados em utilizar a educação como escoamento da ideologia dominante. No artigo O USO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E METODOLOGIAS ATIVAS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTOS NO ENSINO SUPERIOR: PRODUÇÃO DE ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA, os autores Elaine CALDEIRA e George L. R. BRITO buscam realizar um relato da experiência de práticas de letramento na produção de artigos de revisão de literatura realizada na disciplina “Introdução aos Estudos Linguísticos”, oferecida aos estudantes do primeiro semestre do Curso de Licenciatura em Letras/Inglês do Campus Riacho Fundo, Instituto Federal de Brasília-IFB. No artigo ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS DESTINADAS AOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO SECUNDÁRIO DA ESCOLA PAULISTA (1934-1960), a autora Márcia Cristina de Oliveira Mello busca identificar e compreender quais orientações metodológicas receberam os primeiros professores de Geografia para atuar na escola paulista, entre os anos de 1934 e 1960. No artigo OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR UM PROFESSOR EM COMEÇO DE CARREIRA, os autores Carlos Alberto Tavares Dias Filho e Itale Luciane Cericato buscam discutir os dados preliminares de um estudo que investiga como um professor iniciante sente e significa suas primeiras experiências profissionais. No artigo OS PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS DE FREIRE E STEINER E SUAS RELAÇÕES COM OS MEIOS ELETRÔNICOS DO COTIDIANO DISCENTE Claudia de Jesus Tietsche Reis a autora busca investigar os princípios pedagógicos de Paulo Freire e Rudolf Steiner para dialogar com a realidade discente, influenciada pelos meios eletrônicos – televisão, videogame e computador. No artigo PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE A PARTICIPAÇÃO POPULAR EM TEMAS RELACIONADOS À CIÊNCIA E TECNOLOGIA Cristiane Imperador Márcia Azevedo Coelho – UNICAMP busca promover uma reflexão acerca da valorização que um grupo de docentes atribui à diversidade epistemológica, no que concerne à participação da população nas decisões sociais sobre questões relacionadas a ciência e tecnologia. No artigo POSSIBILIDADES DE REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE A PARTIR DO CENSO DE FORMAÇÃO DO PROFESSORADO, os autores Marcos Vinicius Marques, Paulo Sergio Gomes, Jobert Chacon Teixeira Gláucia Beatriz Victor Petian, buscam realizar um diagnóstico da formação dos professores e estabelecer ações formativas mais incisivas e eficazes, foi elaborado pela Secretaria Municipal de Educação de Jaú (SP), e aplicado junto a todos os professores pertencentes à dita rede de ensino, que estão em exercício nas séries iniciais do ensino fundamental, um Censo sobre formação de professores. No artigo PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: RELATOS DE UMA PROFESSORA DO 5º ANO DO ENSINO

FUNDAMENTAL Adriana Torquato Resende Kézia Costa de Oliveira Rocha Carvalho, buscou analisar práticas pedagógicas de professores de 5º ano. No artigo PREDISPOSIÇÃO AO SÍNDROME DE BURNOUT EM ESTUDANTES DE ENFERMAGEM a autora Sendy Meléndez Chávez y Sara Huerta González, busca analisar se estudantes de enfermagem estão predispostos ao esgotamento profissional. No artigo PRIMER MOLAR. LA LLAVE PARA UNA BOCA SANA os autores Perez Novoa, María José, Castelli, Patricia; Abal, Adrian; Erbicela, Beatriz; Capraro, Eugenia; Capraro Carlos; Salvatore, Luis Alberto; Etchegoyen, Liliana; Mogollon, Miguel; Gonzalez, Anabel; De Vicente, Cecilia; Obiols, Cecilia; Gulayin, Guillermo; Spisirri, Sebastian, Buscam promueve la formación de un profesional dentro de la realidad social, con una relación interdisciplinaria y articulando la asistencia, educación y salud; donde los alumnos toman conciencia de factores etiológicos y condicionantes de sus efectos, supervisado por docentes. No artigo PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA COM PROFESSORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL a autora Fatima Aparecida de Souza busca apresentar uma experiência de formação continuada realizada com 132 professores da Educação Básica de diferentes áreas do conhecimento, em uma Diretoria de Ensino do Estado de São Paulo. No artigo PRODUÇÃO DE MATERIAIS AUTORAIS DIGITAIS EDUCACIONAIS NAS LICENCIATURAS: A TRANSFORMAÇÃO DO CONCEITO DE DOCÊNCIA, as autoras Luciana de Lima, Robson Carlos Loureiro, Gabriela Teles busca analisar de que forma os licenciandos de Instituição Pública de Ensino Superior (IPES), participantes da disciplina Tecnodocência em 2017.2, transformam sua compreensão sobre docência a partir do desenvolvimento de Materiais Autorais Digitais Educacionais (MADEs).

No artigo PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS: REFLEXÕES SOBRE POLIVALÊNCIA E O CURSO DE PEDAGOGIA, a autora Vanda Moreira Machado Lima busca refletir sobre o professor dos anos iniciais enfatizando o conceito de polivalência.

Solange Aparecida de Souza Monteiro



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM COMO FERRAMENTA USADA NO NIVELAMENTO DOS INGRESSOS DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA REGULAR	
Acelmo de Jesus Brito Alan Kardec Messias da Silva Ediel Pereira Macedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930051</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
O CONCEITO DE <i>BLENDED LEARNING</i> : BREVE REVISÃO TEÓRICA	
Luciana Maria Borges Rosemara Perpetua Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930052</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO E DOS SENTIMENTOS MORAIS: IMPLICAÇÕES PARA O AMBIENTE ESCOLAR E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Mayra Marques da Silva Gualtieri-Kappann Alonso Bezerra de Carvalho Jair Izaías Kappann	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930053</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
O ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO E A PARCERIA ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA: ESTUDO DOCUMENTAL DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFG/REGIONAL GOIÂNIA	
Anegleyce Teodoro Rodrigues Samuel de Souza Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930054</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
O HUMOR UTILIZADO COMO METODOLOGIA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO SEXUAL	
Roberta Seixas Denise Maria Margonari Luana Aparecida Etelvina de Souza Isabela Cristina Urbano de Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930055</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
O IMAGINÁRIO DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: O PEDAGOGO PROFISSIONAL	
Anelize Rafaela De Souza Fabio Riemenschneider	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930056</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>64</b>
O OLHAR DA TUTORIA PELOS TUTORES: FORMAÇÃO E IDENTIDADE	
Thiago Pedro de Abreu	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930057</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
O OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A ESCOLA: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA	
Enio Serra	
Ana Angelita Rocha	
Roberto Marques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930058</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>90</b>
O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA EM GOIÁS: ITUMBIARA, 2013-2015	
Juliano Guerra Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6691930059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>100</b>
O PROGRAMA DE APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO COMO ESPAÇO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DOS SEUS EGRESSOS	
Márcia Mendes Ruiz Cantano	
Noeli Prestes Padilha Rivas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300510</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>112</b>
O REFERENCIAL CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE VÁRZEA GRANDE/MT E AS IMPLICAÇÕES À FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS	
Soely Aparecida Dias Paes	
Kelly Katia Damasceno	
Erika Silva Alencar Meirelles	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>123</b>
O SABER-FAZER DOCENTE: UM ESTUDO A PARTIR DAS ABORDAGENS DAS TEORIAS DE ENSINO	
Lilian de Assis Monteiro Lizardo	
Márcia Tostes Costa da Silva	
Maria de Fátima Ramos de Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300512</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>133</b>
O TRABALHO DOCENTE: FATORES QUE LEVAM AO ESTRANHAMENTO DESSE OFÍCIO	
Carlos Augusto Santana Sobral	
Manoel de Souza Araújo	
Rafael Marques Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300513</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>143</b>
O USO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E METODOLOGIAS ATIVAS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTOS NO ENSINO SUPERIOR: PRODUÇÃO DE ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA	
Elaine Caldeira George L. R. Brito	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300514</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>155</b>
ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS DESTINADAS AOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO SECUNDÁRIO DA ESCOLA PAULISTA (1934-1960)	
Márcia Cristina de Oliveira Mello	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300515</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>164</b>
OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR UM PROFESSOR EM COMEÇO DE CARREIRA	
Carlos Alberto Tavares Dias Filho Itale Luciane Cericato	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300516</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>176</b>
OS PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS DE FREIRE E STEINER E SUAS RELAÇÕES COM OS MEIOS ELETRÔNICOS DO COTIDIANO DISCENTE	
Claudia de Jesus Tietsche Reis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300517</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>193</b>
PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE A PARTICIPAÇÃO POPULAR EM TEMAS RELACIONADOS À CIÊNCIA E TECNOLOGIA	
Cristiane Imperador Márcia Azevedo Coelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300518</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>201</b>
POSSIBILIDADES DE REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE A PARTIR DO CENSO DE FORMAÇÃO DO PROFESSORADO	
Marcos Vinicius Marques Paulo Sergio Gomes Jobber Chacon Teixeira Gláucia Beatriz Victor Petian	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300519</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>211</b>
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: RELATOS DE UMA PROFESSORA DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Adriana Torquato Resende Kézia Costa de Oliveira Rocha Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300520</b>	

<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>223</b>
PREDISPOSIÇÃO AO SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i> EM ESTUDANTES DE ENFERMAGEM	
Sendy Meléndez Chávez Sara Huerta González	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300521</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>234</b>
PRIMER MOLAR. LA LLAVE PARA UNA BOCA SANA	
María José Perez Novoa Patricia Castelli Adrian Abal Beatriz Erbicela Eugenia Capraro Carlos Capraro Luis Alberto Salvatore Liliana Etchegoyen Miguel Mogollon Anabel Gonzalez Cecilia De Vicente Cecilia Obiols Guillermo Gulayin Sebastian Spisirri	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300522</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>242</b>
PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA COM PROFESSORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Fatima Aparecida de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300523</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>253</b>
PRODUÇÃO DE MATERIAIS AUTORAIS DIGITAIS EDUCACIONAIS NAS LICENCIATURAS: A TRANSFORMAÇÃO DO CONCEITO DE DOCÊNCIA	
Luciana de Lima Robson Carlos Loureiro Gabriela Teles	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300524</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>266</b>
PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS: REFLEXÕES SOBRE POLIVALÊNCIA E O CURSO DE PEDAGOGIA	
Vanda Moreira Machado Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66919300525</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>279</b>

## PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA COM PROFESSORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

**Fatima Aparecida de Souza**

Universidade de Sorocaba (UFBA)

Universidade Federal da Bahia

**RESUMO:** Este artigo como objetivo apresentar uma experiência de formação continuada realizada com 132 professores da Educação Básica de diferentes áreas do conhecimento, em uma Diretoria de Ensino do Estado de São Paulo. Baseia-se em um trabalho de formação realizado durante o ano letivo de 2015, com docentes que atuam nos anos finais do ensino fundamental. Foram realizados: curso de 40 horas envolvendo processos de alfabetização, encontros em Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC) e encontros de formação na Diretoria de Ensino. As formações foram elaboradas a partir de resultados da prova escrita de Língua Portuguesa de 6º ano, produzida para a Avaliação de Aprendizagem em Processo (AAP), realizada em fevereiro de 2015. O trabalho ancora-se no aporte teórico de Cruz e Albuquerque (2012), Ferreiro (2001), Ferreiro e Teberosky (2008) e Soares (2004). Para a elaboração do relato, inicialmente, contextualizamos o trabalho realizado, em seguida, tratamos dos níveis de escrita e, por fim, apresentamos uma proposta de análise em um texto de aluno de 6º ano da rede pública estadual. Destacamos que a experiência revela a necessidade de formação continuada

aos professores dos anos finais do ensino fundamental sobre processos de alfabetização e, além disso, manifesta que estes necessitam conhecer os níveis de escrita de modo que possam diagnosticar conhecimentos prévios dos alunos sendo capazes de intervir pontualmente, contribuindo para a aquisição do sistema de escrita

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação de Professores. Alfabetização. Níveis de escrita.

### INTRODUÇÃO

Avaliações externas como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp) e Avaliação de Aprendizagem em Processo, doravante AAP, da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, são instrumentos fundamentais que oferecem subsídios para a formulação, reformulação e o monitoramento de políticas públicas voltadas para a Educação Básica. Entre essas políticas públicas, destaca-se a necessidade de investimento na formação continuada e no desenvolvimento profissional de professores que atuam na referida modalidade de ensino.

Considerando essa necessidade, este artigo apresenta como tema *A formação*

*continuada de professores dos anos finais para a compreensão de processos de alfabetização* e tem como objetivos (a) relatar uma experiência de formação continuada realizada com 132 professores da Educação Básica de diferentes áreas do conhecimento, em uma Diretoria de Ensino do Estado de São Paulo; (b) apresentar uma análise das dificuldades a partir de um texto produzido por aluno de 6º ano; (c) propor aos docentes estratégias de intervenção. A justificativa é a efetivação de um trabalho de formação que foi concretizado durante o ano letivo de 2015, com docentes que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental. Foram realizados: curso de 40 horas envolvendo processos de alfabetização, encontros em Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC) e 04 encontros de formação na Diretoria de Ensino. As formações foram elaboradas a partir de resultados da prova escrita de 6º ano, produzida para a Avaliação de Aprendizagem em Processo (AAP), realizada em fevereiro de 2015.

A AAP é uma avaliação que visa a diagnosticar o nível de aprendizado dos estudantes matriculados na rede estadual de ensino paulista. Em fevereiro e em agosto, são avaliados alunos a partir do 2º Ano do Ensino Fundamental, Anos Finais do Ensino Fundamental e todas as séries do Ensino Médio. O exame consiste em produção escrita, questões dissertativas e de múltipla escolha de Língua Portuguesa e Matemática. Os índices são utilizados para produzir orientações aos professores, desenvolver programas e projetos cujo foco seja a aprendizagem dos alunos. A Secretaria Estadual de Educação disponibiliza gabaritos para que as escolas estaduais tabulem os resultados e, em consonância com as Diretorias de Ensino, elaborem ações com base nos dados obtidos.

Dessa forma, as Diretorias de Ensino, com o apoio de Professores Coordenadores de Oficina Pedagógica (PCNP) das áreas específicas, atuam em atividades de formação continuada aos professores diretamente nas escolas em ATPC, em preparação de cursos de formação, em elaboração de material de apoio, tendo como ponto de partida os resultados dessa avaliação.

Destacamos que, na Diretoria de Ensino de que trata este trabalho, a prova escrita solicitada na AAP para o 1º semestre de 2015 permitiu que fossem levantados dados relevantes sobre o processo de alfabetização de alunos matriculados no 6º ano do Ensino Fundamental. De 66 escolas, com alunos matriculados na referida série, foi detectado um total de 113 alunos com dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita. Desses, 77 foram caracterizados pelos professores como alunos cujas escritas são não alfabéticas.

Diante desses dados, foi solicitado às escolas o encaminhamento das produções dos alunos com escrita não alfabética aos Professores Coordenadores de Língua Portuguesa da Diretoria de Ensino para análise dos níveis de escrita, com base em proposições de Ferreira (2001) e Ferreira e Teberosky (2008), e posterior elaboração de propostas de intervenção. Entretanto, das escritas encaminhadas, cerca de 20 produções apenas foram caracterizadas pelos PCNP de Língua Portuguesa como não alfabéticas. As demais, como escritas alfabéticas com acentuados problemas como:

ortografia, paragrafação, pontuação, segmentação, coesão e coerência.

Esse processo permitiu verificar que grande parte dos professores dos anos finais do ensino fundamental da Diretoria de Ensino em questão, possivelmente, não é capaz de identificar os níveis de escrita. Essa realidade evidencia a necessidade de formação de professores de Língua Portuguesa para questões sobre a aquisição do sistema de escrita alfabético. Provavelmente, por esse motivo, essa dificuldade impede-os de intervir pontualmente nas dificuldades de alunos de 6º ano que chegam aos anos finais do Ensino Fundamental com acentuados problemas de alfabetização.

Neste artigo, apresentamos um recorte de ações de formação continuada realizadas com professores dos anos finais. Para tanto, primeiramente, expomos o aporte teórico utilizado nas formações com os professores cuja base delineia-se nas contribuições de Cruz e Albuquerque (2012), Ferreiro e Teberosky (2008) e Soares (2004). Em seguida, analisamos uma escrita alfabética de aluno de 6º ano caracterizada, inicialmente, pelos professores como escrita não alfabética. Para finalizar apresentamos as considerações finais que revelam a necessidade de os professores conhecerem os níveis de escrita para intervir nos processos de alfabetização

## **ALFABETIZAÇÃO: PROCESSOS DE APRENDIZAGEM**

O processo de alfabetizar contribui para o avanço no domínio da leitura e da escrita, portanto, todo docente é responsável pelos processos de alfabetização, independentemente do componente curricular que leciona ou do nível educativo com o qual trabalha. Consideramos que conhecer o nível de escrita do aluno contribui para a elaboração de intervenções pontuais e, também, para eliminar o preconceito em torno de produções com problemas relativos à aquisição do sistema de escrita.

Por esse motivo, primeiramente, uma reflexão sobre concepções de criança com escrita alfabética e de criança alfabetizada é necessária. *Para Cruz e Albuquerque (2012)*, criança com escrita alfabética é a que consegue compreender o sistema notacional e que, por isso, é capaz de ler e escrever palavras, mesmo com dificuldades, e, às vezes, frases e pequenos textos. Criança alfabetizada, além de elaborar escrita alfabética, é capaz de ler e produzir textos de diferentes gêneros.

Para as autoras, essa concepção se contrapõe à ideia de que alfabetizar é ensinar o código linguístico por meio de determinado método que concebe o sujeito como mero receptor do conhecimento. Com base nesse conceito restrito, defendeu-se, durante muito tempo, a ideia de que a criança precisaria de apenas um ano para ser alfabetizada. Aquele que não fosse capaz de ser alfabetizado em um ano era considerado inapto, fadado a repetir a 1ª série.

Alfabetizar, nessa perspectiva, vai além do ensino do código. Alfabetizar envolve letramento. Dois conceitos indissociáveis, simultâneos e interdependentes. Soares (2004, p. 100) afirma:

A criança alfabetiza-se, constrói seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, em situações de letramento, isto é, no contexto de e por meio de interação com material escrito real, e não artificialmente construído, e de sua participação em práticas sociais de leitura e de escrita; por outro lado, a criança desenvolve habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita nas práticas sociais que a envolvem no contexto do, por meio do e em dependência do processo de aquisição do sistema alfabético e ortográfico da escrita.

Consideramos que o ensino do sistema de escrita também pode acontecer por meio da alfabetização científica que envolve o uso competente da língua em práticas sociais específicas. Chassot (2010, p. 62) propõe a preocupação da escola com a alfabetização científica. Esta caracteriza-se pelo “conjunto de conhecimentos que facilitariam aos homens e mulheres fazer uma leitura do mundo onde vivem”. Essas pessoas precisam se tornar seres críticos que entendam a necessidade de transformar o mundo do qual fazem parte. A preocupação de Chassot (2010) ratifica a ideia de que todo professor pode contribuir para a alfabetização.

Além disso, consideramos a necessidade de que o docente que atua nos anos finais do ensino fundamental precisa conhecer o nível de escrita do aluno para que saiba qual o ponto de partida de modo que possa intervir pontualmente no desenvolvimento do sistema.

## **NÍVEIS DE ESCRITA**

O passo inicial para as intervenções é o diagnóstico sobre o que os alunos conhecem acerca do sistema de escrita, ou seja, a análise do nível de escrita de cada produção elaborada. A partir de então, é possível refletir sobre propostas de intervenção. Sobre esses níveis, ressaltamos que para Ferreiro e Teberosky (2008), a escrita infantil segue uma linha de evolução que pode ser distinguida em três grandes períodos a partir da seguinte divisão: distinção entre o modo de representação icônico e o não icônico (modo figurativo e não figurativo / desenho e escrita); construção de formas de diferenciação quantitativas e qualitativas; fonetização da escrita que tem início no período silábico e culmina no período alfabético.

Ferreiro (2001) divide a escrita, fundamentalmente, em quatro níveis: pré-silábico, silábico sem valor sonoro e com valor sonoro, silábico alfabético e alfabético.

### **Nível pré-silábico**

Nesse nível, a escrita não representa o caráter fonético do sistema de escrita. São exemplos de escritas pré-silábicas: icônica (desenho / figurativo); linhas onduladas ou quebradas; contínuas ou fragmentadas; linhas verticais ou bolinhas; letras convencionais não reguladas por diferenças ou semelhanças sonoras (FERREIRO, 2001). O aluno já percebe o caráter social da escrita e usa, muitas vezes, o critério quantitativo; geralmente, emprega muitas letras para escrever um objeto grande e poucas para escrever um objeto pequeno; quando faz uso de letras, utiliza, muitas vezes, as letras do próprio nome; comumente, não aceita a hipótese de que uma



palavra tenha menos de três letras.

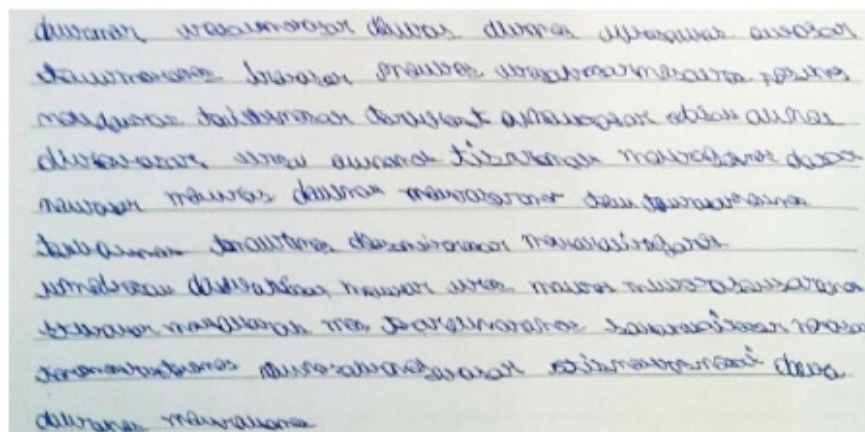


Imagem 1 – Escrita pré-silábica

Texto produzido por aluno de 6º ano para a Avaliação de Aprendizagem em Processo em fevereiro de 2015 – Secretaria da Educação de São Paulo

Na Imagem 1, observamos que, embora o aluno apresente escrita pré-silábica, ele utiliza letras para representar a escrita, escreve de forma linear e segmenta as palavras, mostrando que para escrever é necessária uma certa quantidade de letras.

#### Nível silábico

Nesse nível, a criança passa a compreender que existe relação entre fala e escrita, ou seja, entre grafemas e fonemas. Embora a criança utilize o critério quantitativo e qualitativo, a quantidade de letras pode ou não ter correspondência com a quantidade de partes que se reconhece na emissão oral, as sílabas (FERREIRO, 2001). Esse nível divide-se em silábico sem valor sonoro e silábico com valor sonoro.

A escrita silábica sem valor sonoro não guarda relação com o valor sonoro convencional.

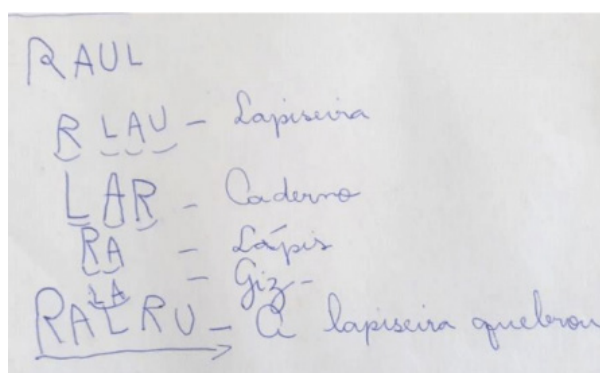


Imagem 2 – Escrita silábica sem valor sonoro

Acervo pessoal

A criança utiliza uma letra para cada sílaba. No exemplo, observamos que ela utiliza as letras do próprio nome, o que compõe a escrita da lista de palavras. Entretanto, as letras não estão relacionadas com o valor sonoro convencional. Na escrita silábica com valor sonoro, a escrita guarda relação com o valor sonoro convencional.

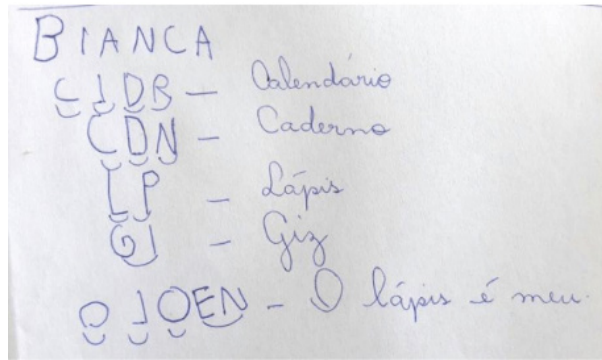


Imagem 3 – Escrita silábica com valor sonoro  
Acervo pessoal

No exemplo, observamos que a criança utiliza uma letra para cada sílaba. E as letras espelhadas correspondem ao valor sonoro convencional, o que caracteriza a escrita como silábica com valor sonoro.

O nível silábico-alfabético indica um momento de transição. A criança descobre que a sílaba não pode ser a representação de uma unidade, mas é reanalisável em elementos menores (FERREIRO, 2001). A criança escreve ora silabicamente, ora alfabeticamente.

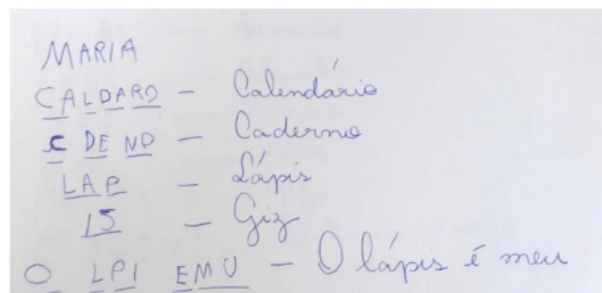
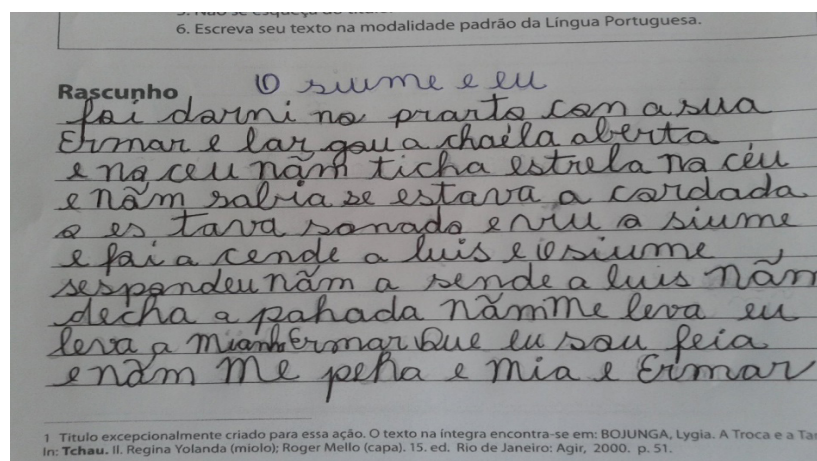


Imagem 4 – Escrita silábico-alfabética  
Acervo pessoal

No nível alfabético, cada letra representa um som. Isso implica que as escritas apresentam quase todas as características do sistema convencional, mas sem uso ainda de convenções ortográficas.



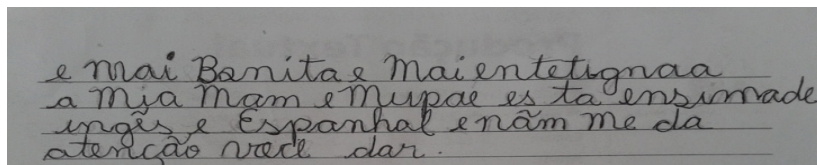


Imagem 5 – Escrita alfabética

Texto produzido por aluno de 6º ano para a Avaliação de Aprendizagem em Processo em fevereiro de 2015 – Secretaria da Educação de São Paulo

O aluno escreve alfabeticamente, utiliza uma letra para cada som, ainda que sem uso adequado das convenções ortográficas. Embora seja uma escrita alfabética, esta foi caracterizada pelos professores dos anos finais do ensino fundamental como escrita não alfabética, o que nos permitiu elaborar, entre outras, a proposta a seguir para ser analisada nas ações de formação continuada realizadas pela Diretoria de Ensino.

## 1 | ANÁLISE DE TEXTO CARACTERIZADO COMO ESCRITA NÃO ALFABÉTICA

Os resultados da Avaliação da Aprendizagem em Processo (AAP) revelaram-nos que muitos alunos escrevem alfabeticamente, embora apresentem problemas tais como de ortografia, paragrafação, segmentação, pontuação, coesão e coerência. Apesar disso, professores classificam parte dos textos, que apresentam essas características, como escrita não alfabética.

Essa dificuldade evidencia a necessidade de formação continuada de professores que atuam nos anos finais do ensino fundamental para os processos de alfabetização de modo que esses possam intervir nas necessidades pontuais dos alunos no que diz respeito à aquisição do sistema de escrita.

Considerando essas dificuldades, além de trabalhar com os professores os níveis de escrita, analisamos produções caracterizadas pelos por eles como escrita não alfabética. Reavaliamos juntos, com base no seguinte aporte teórico: Cruz e Albuquerque (2012), Ferreiro e Teberosky (2008) e Soares (2004). Essa reavaliação possibilitou o reconhecimento dos níveis de escrita e da identificação pontual sobre os conhecimentos prévios dos alunos, bem como suas necessidades. Com eles, levantamos problemas detectados no texto, o que serviu de ponto de partida para a reorganização dos planos de aula e das propostas de intervenção, de acordo com cada nível.

O texto aqui analisado é a reescrita de um conto reproduzido na íntegra para a AAP, em fevereiro de 2015. Para a realização da produção, os professores foram orientados para que lessem aos alunos o texto de Lygia Bojunga *O Ciúme e eu* e solicitassem a eles a reescrita. A atividade tinha como objetivo levantar os conhecimentos dos alunos acerca do sistema de escrita e observar a compreensão acerca do texto lido.

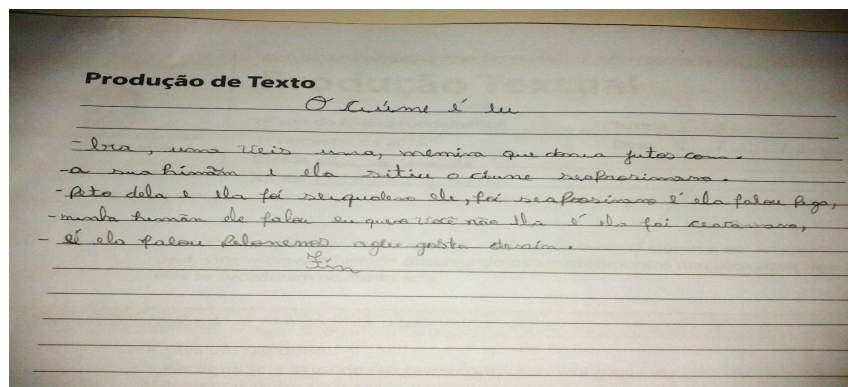


Imagem 6 – Escrita alfabética

Texto produzido por aluno de 6º ano para a Avaliação de Aprendizagem em Processo em fevereiro de 2015 – Secretaria da Educação de São Paulo

Destacamos que, no trabalho, realizamos atividades de retextualização da produção do aluno para direcionar a análise e observar os conhecimentos prévios deste. Assim, temos:

**O ciúme e eu**  
Era uma vez uma menina que dormia junto com a sua irmã e ela sentiu o ciúme se aproximando perto dela e ela foi se encolhendo. Ele foi se aproximando e ela falou:  
- Pega minha irmã.  
Ele falou.  
- Eu quero você, não ela.  
E ela foi se acalmando. E ela falou:  
- Pelo menos alguém gosta de mim

Analisamos o texto sob dois aspectos: compreensão do gênero textual e utilização do sistema de escrita.

Com relação à compreensão do gênero conto, uma leitura criteriosa do texto e da retextualização permite-nos observar que a produção do aluno atende ao proposto, uma vez que reproduz a estrutura da narrativa adequadamente. Para tanto, utiliza *personagens* (menina, Ciúme), *espaço* (subentende-se que seja o quarto), *tempo* (subentende-se que seja a noite), *conflito* e *resolução do conflito*.

No que diz respeito à utilização do sistema de escrita, observamos que o aluno necessita de intervenções pontuais quanto aos seguintes aspectos: conhecimento de sílabas complexas, segmentação, regularidades e irregularidades ortográficas, coesão, pontuação e paragrafação, conforme quadro a seguir:

<b>A s p e c t o s destacados acerca do texto do aluno</b>	<b>Dificuldades</b>	<b>Intervenções que devem ser realizadas pelo professor</b>
Conhecimento restrito de sílabas complexas.	O aluno apresenta problemas na escrita de: <i>peto (perto), donia (dormia), jutos (juntos), sitiú (sentiu), seiquoleno (se encolhendo), ageu (alguém)</i> .	Privilegiar atividades com escrita de palavras que contenham: - <i>ar, er, ir, or, ur</i> ; - <i>an, em, in, on, un</i> e, provavelmente, com <i>am, em, im, om, um</i> ; - <i>ca, co – qua, quo</i> . - <i>al, el, il, ol, ul</i> e, provavelmente, <i>au, eu, iu, ou</i> . (Esse conteúdo deve fazer parte das regularidades e irregularidades ortográficas.)
Problemas referentes à hipossegmentação	O aluno escreve: <i>seaprosimano</i> (se aproximando); <i>seiquoleno</i> (se encolhendo); <i>ceacamano</i> (se acalmando); <i>pelomenos</i> (pelo menos); <i>denin</i> (de mim).	Privilegiar atividades que permitam ao aluno observar que pronomes e preposições são palavras autônomas.
Problemas relacionados ao uso de letra maiúscula e minúscula	O texto não apresenta letra maiúscula. Entretanto o aluno escreve o artigo <i>o do título</i> e <i>e de Era uma vez</i> de forma aumentada.	Analisar esse aspecto, considerando que o aluno tem noção de letra maiúscula e minúscula. Uma possibilidade é que tenha sido ensinado a ele a escrita de <i>letra grande e letra pequena</i> , em vez de letra maiúscula e minúscula.
Presença de marcas de oralidade	O estudante escreve palavras que procuram representar a oralidade: <i>veiz</i> (vez), <i>seaprosimano</i> (se aproximando), <i>seiquoleno</i> (se encolhendo), <i>ceacamano</i> (se acalmando)	Garantir que o aluno compreenda o uso de – <i>ando, endo, indo, ondo</i> (verbos no gerúndio) e a diferença que marca oralidade e escrita em determinados gêneros textuais.
Troca de alguns fonemas	O aluno troca o /m/ pelo /n/: <i>memina</i> (menina), <i>himãm</i> (irmã), <i>donia</i> (dormia), <i>ciune</i> (dormia),	Privilegiar escritas que diferenciem o uso de <i>m</i> e de <i>n</i> .
Problemas de coesão	O aluno repete o pronome “ela”, a conjunção “e”, “ele”	Propiciar atividades que envolvam o uso de sinônimos, hiperônimos, hipônimos.
Problemas relativos à pontuação e ao discurso direto e indireto.	Embora utilize alguns sinais de pontuação como vírgulas e travessões, o aluno não os utiliza convencionalmente.	Privilegiar atividades que orientem o uso das regras de pontuação.
Problemas relativos à paragrafação	O aluno escreve o texto em um único bloco de parágrafos.	Garantir atividades que orientem a paragrafação.

Quadro 1 – Levantamento das dificuldades observadas na produção textual e aspectos que devem ser contemplados na intervenção

Por meio do levantamento realizado, notamos que o aluno possui conhecimento restrito acerca de sílabas complexas, problemas relativos à segmentação, dificuldades no uso de letras maiúsculas e minúsculas, troca de fonemas, repetição de palavras,

limitações quanto à pontuação e ao uso do discurso direto e indireto, problemas relativos à paragrafação.

Esses problemas apenas podem ser levantados com a análise da escrita do próprio aluno. Por isso, a avaliação diagnóstica é um instrumento fundamental nesse processo. Ela contribui para que o professor direcione o trabalho e reflita sobre propostas de intervenção. Nessa direção, o quadro permite visualizar os problemas pontuais dos alunos, ou seja, evidencia o foco da intervenção. Isso significa que se o aluno demonstrou não conhecer, por exemplo, regularidades e irregularidades ortográficas, como é o caso dos sons nasais com *ã, ão, an, en, in, on, un ou am, em, im, om, um*, esse assunto deve ser retomado pelo professor para garantir que o aluno saiba usar adequadamente as normas e as convenções do sistema de escrita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência evidencia uma lacuna existente na formação de professores da Educação Básica, especificamente, daqueles que atuam nos anos finais do ensino fundamental. Entendemos que cada professor, em sua área específica de formação, pode contribuir de alguma maneira para que o aluno compreenda o sistema de escrita e para que desenvolva práticas sociais de leitura e escrita.

Para tanto, consideramos cada docente pode desenvolver o conteúdo específico da disciplina com a qual trabalha e adaptar atividades do currículo de acordo com as possibilidades de cada aluno, intervindo pontualmente sobre as dificuldades.

Entretanto, para isso, necessita ter conhecimentos sobre processos de alfabetização, sabendo identificar os níveis de escrita dos alunos e reconhecer que eles constroem suas hipóteses com base nos conhecimentos prévios que possuem.

Para que o aluno possa avançar nos conhecimentos de leitura e produção escrita, consideramos que o docente, também, pode ler com e para os alunos diariamente textos que eles não leriam sozinhos, pois estes aprendem muito ao ouvir leituras e ao poder comentá-las. Isso pode ser feito em qualquer componente curricular.

O docente, também, pode escolher histórias curtas e interessantes. Se o texto não é interessante para o professor, provavelmente também não seja para o aluno. É preciso, ainda, preocupar-se com a qualidade dos textos, evitando histórias que sirvam para dar lição de moral ou para veicular mensagem edificante. Geralmente, essas histórias possuem linguagem e enredo simplificados e, ainda, metáforas extremamente óbvias.

Ademais, professores de todas as áreas do saber podem informar ao aluno as regras ortográficas, ensinando quando usar, por exemplo, *n* ou *m*, *r* ou *rr*, *s* ou *ss*. São intervenções que, aparentemente, parecem básicas, mas que contribuem para que o aluno aprenda a escrever com desenvoltura e para que possa acompanhar o desenvolvimento de habilidades/conteúdos em diferentes componentes curriculares.

## REFERÊNCIAS

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica**: questões e desafios para a educação. Ijuí: Unijuí, 2010.

CRUZ, Magna do Carmo; ALBUQUERQUE, Eliana Borges. A complexidade da aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética: ampliação do tempo para consolidação da leitura e da escrita pela criança. In BRASIL. **Pacto Nacional pela alfabetização na idade certa**: currículo no ciclo de alfabetização: consolidação e monitoramento do processo de ensino e de aprendizagem: ano 2: Unidade I. Brasília: MEC, SEB, 2012.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emilia. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: 2008.

SOARES, Magda. Letramento e Escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2004. 287 p.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Solange Aparecida de Souza Monteiro** - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos(IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-366-8



9 788572 473668